

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Humanidades da Prai
Departamento de História e Geografia

Trabalho: Nota: 5,0
Apresent e del: 5,0

10,0

REFORMA PROTESTANTE

Iranilson Buriti de Oliveira

Monografia de conclusão da disciplina História Moderna Ocidental orientada pela professora MARTHA LÚCIA RIBEIRO.

Campina Grande - PB

- 1.992 -



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

SUMÁRIO

1. Prefácio (Frederico de Castro Neves)	
2. Introdução	01
3. I Parte: Religião	
3.1. A magia na Igreja Medieval	03
3.2. O Impacto da Reforma	04
3.3. A Providência	07
3.3.1. A Origem Divina da Desgraça	07
3.3.2. Casos de Advertência	08
3.3.3. Sacrilégios	09
3.4. A Doutrina e Suas Aplicações	10
3.5. Prece e Profecia	11
3.5.1. A Prece	11
3.5.2. Curas e profecias	12
3.6. A Religião e o povo	15
3.6.1. A Igreja e a sociedade	15
3.6.2. Ignorância e Indiferença	16
3.7. Ceticismo	18
4. II parte: Cultura Popular	
4.1. Os andarilhos	20
4.2. A Reforma da Cultura Popular	21
4.2.1. A primeira fase da Reforma: 1500-1650	21
4.2.2. A Cultura dos devotos	23
4.2.3. A segunda fase da Reforma	24
5. III parte: Reforma Protestante	
5.1. O que quer dizer "Reforma" ?	28

5.2. A Razão da Reforma	28
5.3. Por que aconteceu a Reforma?	29
5.4. Causas da Reforma	30
5.5. Lutero e a Reforma na Alemanha	32
5.6. Expansão da Reforma	33
5.6.1. O calvinismo	33
6. IV PARTE: Biografias	
6.1. Jerônimo Savonarola	37
6.2. Martinho Lutero	38
6.3. John Wesley	40
7. Conclusão	42
8. Bibliografias	43
9. Anexos	

A RELIGIÃO DO HISTORIADOR (prefácio)

(Frederico de Castro Neves)

Interessante o convite para prefaciar este trabalho. Aparentemente, uma simples monografia de final de uma disciplina de graduação não possuiria importância suficiente. Não é o que pensa Iranilson. Procurando conferir ao seu trabalho a seriedade que merece, ele trilha os rituais acadêmicos como quem se vê diante de seu próprio futuro. Levando muito a sério sua preparação como historiador, atividade gratificante mas pouco gratificada, pediu-me para escrever um prefácio, mesmo sendo professor de outra disciplina, História do Brasil I, igualmente cursada com todo o empenho (o que não quer dizer mau-humor).

Iranilson sabe que os caminhos do historiador são vários, mas todos eles sempre cheios de armadilhas teóricas, políticas, metodológicas, ideológicas etc., porque a história jamais se repete nem se mostra por inteiro: o conhecimento da história será sempre provisório, incompleto, discurso que oscila entre as expectativas do historiador e as expectativas da sociedade pesquisada. Por isso, sabe que é preciso compensar as deficiências de nossa formação (excessivamente objetivista, classificatória e pragmática) com um certo rigor na análise, uma atenção permanente sobre nossas fontes. Estas, evidências de um passado deixadas por algum sujeito perdido no tempo, são sempre monossilábicas: respondem somente ao que perguntamos e de acordo como o "como" perguntamos. Precisamos, portanto, ter cuidado com aquelas fontes que nos são familiares, próximas, quase "naturais". Para Iranilson, este é o caso; mas creio que se saiu muito bem! A Bíblia, como sabemos, não é fonte fácil para o historiador. O simbolismo e a manipulação religiosa a tornam enigmática e arredia às nossas indagações, transformando-a, às vezes, em "prova" para teorias diametralmente opostas. Por isso, nosso autor não a utiliza como evidência de tal ou qual

acontecimento, mas para conferir um sentido às disputas religiosas da Época Moderna. Sim, porque, enquanto livro sagrado para todos que divergiam, a Bíblia colocava-se no centro mesmo destas lutas, tornando-se o troféu a ser erguido triunfalmente pelos vencedores, mesmo que até hoje não saibamos quem venceu e quem saiu derrotado. No entanto, este é um ponto positivo deste trabalho sobre a "Reforma Protestante".

Vamos ao ponto central: este não é um trabalho comum, de um estudante que mais procura "livrar-se" da disciplina do que realmente "fazê-la". Felizmente, me parece que Iranilson não é um caso isolado neste Curso de História de Campina Grande. Por isso, sinto-me à vontade para tecer algumas considerações sobre o seu conteúdo, sem temer duas coisas: 1º) contrariar alguma ética profissional, posto que a Professora responsável pela "nota" é Martha Lúcia, oferecendo a ela um julgamento prévio e superficial como subsídio para o seu julgamento, sem qualquer pretensão de substituí-lo; 2º) ser excessivamente rigoroso com o autor, pela sua inexperiência de menos de dois anos de Universidade. Sei que não vou ferir suscetibilidades...

Dito isto, posso afirmar que gostei do "corpo" do trabalho do Iranilson, do tratamento que ele dá aos temas propriamente religiosos, como as profecias, as curas, os milagres, as preces; enfim, os elementos de magia que a religião oficial não suprime, inclusive porque o povo sempre os re-elabora. Tomando por base a obra de Keith Thomas, "Religião e o Declínio da Magia", se evita a redução dos fenômenos religiosos a "reflexos", ou "elementos superestruturais", que deveriam ser explicados por uma outra ordem de fenômenos agora econômicos.

Interessante também a relação estabelecida entre a Reforma e a Cultura Popular, auxiliada pelo já clássico "Cultura Popular na Idade Moderna", de Peter Burke. Talvez a obra de Bakhtin viesse a enriquecer ainda mais este item. Nota-se aqui o processo de exclusão social de todos aqueles refratários à nova ordem social, num contexto em que os reformadores católicos e protestantes procuram modelar uma cultura

popular segundo suas demandas específicas de poder. Os que não eram formalmente excludidos, como os artesãos e os camponeses, eram considerados como "receptáculos" de um corpo doutrinário, moralizante e normativo, que lhes seria imposto como um remédio amargo, porém inevitável. A vigilância, no entanto, será insubstituível, juntamente com a repressão às festas populares, criminalizadas como profanas e heréticas, e às revoltas camponesas, esmagadas com rigor tanto por católicos como por protestantes (a posição autoritária e cruel de Lutero diante dos camponeses revoltados foi estranhamente esquecida!)

Por fim, a tentativa de situar a Reforma no contexto das amplas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais da Era Moderna foi bastante válida. Evita-se, com isso, não só a tentação moralista de reduzir todas as mudanças trazidas à tona pelo movimento reformador à corrupção do alto clero católico e ao desvio da Igreja de seus ideais inaugurais, como também uma explicação excessivamente teológica para uma luta que ultrapassa em muito a dimensão do controle sobre uma instituição isolada ou a interpretação exclusiva de um livro sagrado.

Contudo, nem tudo são flores. Iranilson poderia ter encerrado seu trabalho com a Parte III. Não sou contra biografias, pelo contrário; mas o que questiono é a utilização das fontes. Tomando por base textos de propaganda da fé, cujos títulos logo o denunciam ("Heróis da Fé" e "Eles Andaram com Deus"), seria necessário um cuidado redobrado no trabalho destrutivo do historiador. As idéias dos autores foram apenas reproduzidas, sem qualquer tratamento historiográfico, confundindo o discurso do proselitismo com o discurso da história. Este tratamento, indispensável em qualquer modalidade narrativa, é ainda mais importante na análise biográfica, quando a tradição personalista e aventureira nos empurra à procura de heróis, sempre mais necessários quanto menos atendemos ou controlamos o processo histórico vivido.

Para concluir, a Conclusão nada conclui. Poderia ser uma simples Apresentação,

jamaís uma tentativa de síntese ou de encadeamentos dos temas abordados, própria ' de um desfecho de trabalho acadêmico.

Se há falhas é porque Iranilson ousou; e eu considero a ousadia a principal vir tude do historiador. Ousadia, especialmente, de buscar no passado o esclarecimento' de dúvidas que se encontram no presente. Este trabalho é um bom indicador para o fu turo.

Frederico de Castro Neves

Abril de 1992

INTRODUÇÃO

O Século XVI foi um período marcado por vários acontecimentos. Nesse período ocorreram grandes desgraças, como a Peste Negra, a Guerra dos Cem Anos, a fome etc. Ora, todas as desgraças e toda anarquia eram reflexos das tantas transformações por que passava a sociedade medieval desde o século XI, quando o Renascimento comercial e Urbano permitiu a ascensão da burguesia e dos artesãos e, com eles, o pensamento leigo.

Foi nesse contexto histórico, marcado por desgraças, mas também por acontecimentos grandiosos como o Renascimento Cultural, que surgiu um movimento religioso que repercutiu em todo o mundo - "A Reforma Protestante".

Neste trabalho, reunirei a visão de vários historiadores que estudam o movimento reformista ocorrido na Idade Moderna, na Europa. Como sabemos, vários historiadores protestantes interpretam a Reforma como um movimento que ocorreu cuja finalidade era voltar a pureza da Igreja Primitiva. Os historiadores católicos concebem a Reforma como uma ação herética inspirada por Martinho Lutero e os historiadores seculares voltam-se totalmente para os fatores secundários em sua interpretação. No entanto, este trabalho aborda, entre as várias causas da Reforma, os fatores político, econômico, social, intelectual e teológico, além de incluir dois capítulos referentes as causas mínimas que impulsionaram os reformadores a romperem com o papismo e assumirem uma nova postura teológica.

Em síntese, abordarei neste trabalho a religião, dando, inicialmente, uma visão da situação da Igreja no contexto histórico da época e o impacto que a Reforma causou, principalmente no campo das tradições (adoração de relíquias, adoração de imagens de escultura, procissões etc). Farei uma relação entre a religião e o povo da Época Moderna, não esquecendo, também, a reforma ocorrida na cultura popular. Finalmente, enfocarei a Reforma Protestante em sua essência, as causas que levaram os reformadores a tentar modificar o atual quadro da Igreja'

e o expansionismo da Reforma, dando ênfase a Reforma na Alemanha liderada por Lutero e em Genebra comandada por João Calvino. Para concluir o presente trabalho incluí a biografia de três extraordinários homens que incendiaram o mundo com seus ideais de reforma: Jerônimo Savonarola, considerado como o precursor da Reforma; Lutero, o "Grande Reformista" e John Wesley, a tocha que fora arrebatada da lareira para iluminar milhões de vidas no caminho ao céu. Como é de notar-se, esses três homens viveram em períodos distintos, mas, foi justamente por esse motivo que citei suas biografias, pois apesar de viverem em períodos distintos, os seus pensamentos voltavam-se para um só ideal - a reforma do que eles consideravam errado e que ocorria no seio da Igreja sem ninguém combatê-lo.

1 PARTE

RELIGIÃO

1. A Magia no Seio da Igreja Medieval

2. O Impacto da Reforma

3. A Providência

3.1. A Origem Divina da Providência

3.2. Casos de Advertência

3.3. Sacrilégios

4. A Doutrina e suas Aplicações

5. Prece e Profecia

5.1. A Prece

5.2. Curas e Profecias

6. A Religião e o Povo

6.1. A Igreja e a Sociedade

6.2. Ignorância e Indiferença

7. Ceticismo

1. A Magia no Seio da Igreja Medieval

Inicialmente, é bom salientar que todas as religiões primitivas são consideradas pelos seus seguidores como meio, como um caminho pelo qual podem alcançar o poder sobrenatural. Essas religiões funcionam como máquinas que contêm sistemas de explicações, fontes de imposições morais, simbologia de ordem social ou ponte para a mortalidade, significando, também, a perspectiva de um meio sobrenatural que controla o homem sobre a terra. Nesse grupo de religiões inclui-se o Cristianismo.

Na época Medieval, a Igreja viu-se conturbada pela tradição de que a realização de milagres era o meio mais eficaz de monopolizar a verdade. Um pouco antes da Reforma, a Igreja não alegava ter o poder de realizar milagres e prodígios. No entanto adquiria prestígio com os feitos realizados por membros a quem Deus concedera dons de efetuar milagres. Atribuía-se igualmente uma eficácia miraculosa às imagens. Os milagres e curas sobrenaturais eram manifestadas no seio da Igreja nas vésperas da Reforma e conferiam-se esses milagres, não somente às imagens, mas também às relíquias sagradas, que eram consideradas fetiches milagrosos.

Adoravam os santos e os tinham como parte integrante da estrutura da sociedade medieval. Cada igreja possuía seu santo padroeiro e, às vezes, conferiam a hagiolatria um caráter quase totêmico. Cada santo era profissional em atender um determinado pedido. Para cada ocasião havia um santo especial. Na dor, no parto, no olhado, nas tempestades, na escassez, na peste, etc.. Cada santo era incumbido de atender de acordo com a ocasião. Havia métodos para abençoar os doentes e tratar dos animais, para afastar o trovão e trazer a fecundidade ao leito matrimonial; o ritual básico era o benzimento com água e sal para a saúde do corpo e a expulsão de demônios. Dessa forma, o seio da Igreja Católica estava cheio de talismãs, rosários e amuletos eclesiásticos usados para fins milagrosos, destinados a dar proteção numa ampla variedade de contextos. Com uma série de sub-superstições em torno do altar, até a missa passou a possuir um poder mágico e, como os demais sacramentos cristãos, gerou um conjunto de crenças parasitárias, atribuindo-se a cada cerimônia um significado material que os dirigentes da Igreja nunca haviam alegado. O batismo era fundamental para tornar o bebê um ser humano integral, membro da Igreja, possuidor da salvação, e tivesse um crescimento melhor. Assim como o batismo, as mulheres, após parirem, davam graças a Deus e prestavam uma cerimônia "tipo" purificação.

As orações dos fiéis funcionavam como ponte que dava acesso ao auxílio divino, aos parâmetros celestiais. A oração assumiu diversas formas, mas o tipo mais diretamente relacionado com os problemas do cotidiano era o da intercessão, com o qual invocava-se a Deus tanto para orientar no caminho da salvação quanto para ajudar em dificuldades materiais. As orações mais constantes eram os pais-nossos, as ave-marias e os credos. Assim, a Igreja Medieval

contribuiu para distinguir uma prece de um encantamento, além de atribuir virtude na mera repetição de palavras sagradas.

De acordo com o que já vimos, podemos perceber a Igreja Medieval como um grande reservatório de poder mágico, apto para ser empregado para uma série de finalidades seculares, como a leitura de um versículo para revelar o destino das pessoas, a leitura sistemática da Bíblia para garantir um bom parto à parturiente, etc. A principal preocupação da Igreja era espiritual, dando ênfase à natureza primariamente intercessora dos rituais eclesásticos como a recitação de preces, a adoração dos santos, o emprego de água-benta e do sinal da cruz. Consideravam esses rituais propiciatórios, não coercitivos.

Não obstante várias circunstâncias contribuíam para consolidar a idéia de que a Igreja era um agente mágico, além de devocional. O antigo culto às fontes, árvores e pedras não foi abolido, mas modificado, associando um santo a uma divindade pagã e incorporando as festas pagãs ao ano eclesiástico. O Ano Novo tornou-se a Festa da Circuncisão, a Festa da Primavera virou o dia de São Felipe e São Tiago, a Noite de Solstício de Verão passou a ser o Nascimento de São João Batista, o Lenho de Dezembro foi introduzido na celebração do Nascimento de Cristo.

As práticas como a veneração da hóstia, das relíquias, a recitação de preces ou o uso de talismãs e amuletos podiam chegar a excessos, mas os teólogos não consideravam como problema, pois o efeito disso era unir mais o povo à verdadeira Igreja e ao Verdadeiro Deus.

2. O Impacto da Reforma

Na Igreja Medieval, havia sido diluída a distinção entre a magia e a religião, e essa distinção reafirmou-se pelos propagandistas da Reforma Protestante. Os Reformadores protestantes investiam negando a eficácia dos rituais católicos da consagração do vinho, pão, cera, óleo, cruz e tinham o exorcismo como artifício do demônio. Para os protestantes, os mais vis bruxos e feiticeiros da terra eram os padres que consagravam cinzas, cruzes, etc.. Para os Reformadores, o erro da Igreja Católica foi ter preservado o ritual numa época em que não se poderia mais esperar milagres. Suas fórmulas eram tão vãs e supersticiosas quanto as dos feiticeiros dos becos da Londres elisabetana. Reginald Scot "não via diferenças entre estas e as conjurações papistas, pois concordavam em ordem, palavras e matérias" (1).

Os sacramentos da Igreja haviam passado por uma observação dos primeiros reformadores, procurando qualquer filiação mágica que pudesse ter. Para muitos puritanos, os rituais

(1) - IN: *Religião e o Declínio da Magia* - p. 57

ais conservavam aspectos puramente supersticiosos. Negavam a virtude da água-benta, do sinal da cruz, do compadrismo, do batismo de crianças, e viam na crisma nada mais que simples feitiçaria, bruxaria, diabrura, etc. A investida protestante contra a magia sacramental havia corroido seriamente o ritual da Igreja estabelecida. Além de considerarem anátema os rituais acima citados, os Reformadores invalidaram o casamento religioso e implantaram o casamento civil.

A Igreja Anglicana na tentativa de eliminar os rituais profanos e os aspectos encantatórios da oração formal, passou do latim para o vernáculo. Advertia os fiéis a não adorarem as relíquias, não prestar adoração às imagens nem a elas orarem e não fazer orações superficiais, mas orarem com a alma derretida, totalmente voltada para Deus. Costumava orar pelas culturas agrícolas, pelo gado, pressupondo que havia poder na palavra de Deus.

O protestantismo lançou uma nova campanha contra os resquícios do paganismo, com os quais a Igreja anterior tentara tantas soluções de compromissos. O papismo era descrito como o grande repositório de "superstições étnicas", e os ritos católicos como metamorfoses maldisfarçadas de cerimônias pagãs anteriores. Os primeiros reformadores começaram a suspender costumes tradicionais do calendário como a procissão, os dias santos associados a ofícios e profissões específicas. No século XVII, os puritanos queriam a abolição de todos os dias santos remanescentes do século XVI, a proibição dos andores e mastros de maio e das danças aos domingos; opunham-se às gaitas de foles e rebecas que acompanhavam o casal de noivos até a Igreja e ao espargir de grãos de cereal; rejeitavam o ritual fúnebre, o traje de luto, a distribuição de esmolas aos pobres para obter a salvação, pois "a salvação é mediante a fé e é um dom de Deus" (2). Opunham-se também ao costume de dar presentes no Ano Novo; brindar à saúde, jurar por criaturas de Deus e objetos sagrados. A palavra do cristão deve ser "Sim sim, não não" (3). Os juramentos foram substituídos pela promessa. Como observou um comerciante do período Tudor, "Se se perdessem os bens, perdia-se muito; se se perdesse tempo, perdia-se mais; mas se se perdesse o crédito, perdia-se tudo". (4). Nessa época, para os reformadores, a política que valia era a honestidade.

Os reformadores protestantes rejeitaram os poderes mágicos e os castigos sobrenaturais que haviam sido tão prodigamente invocados pela Igreja Medieval. Para os protestantes, a Idade Média ficou famosa como a época das trevas, quando os sortilégios e encantamentos ti

(2) . 1N: Bíblia Sagrada - Livro de Efésios, capítulo 2, versículo 8

(3) . 1N: ibidem - Evangelho de Mateus, capítulo 5, versículo 37

(4) . 1N: Religião e o Declínio da Magia. p. 68

nham se disfarçado de religião e a liderança nas atividades mágicas fora assumida pelo próprio clero.

John Webster afirmava que todos os que eram ordenados por homens ou pregavam por salários eram "mágicos, feiticeiros, necromantes, advinhos e consulentes de espíritos familiares. A ordenação devia vir do trono celestial e o sermão ser pregado gratuitamente para concordar com o que está escrito na Bíblia, "Deus ama ao que dá com alegria"(5).

Essa nova atitude protestante em relação à magia eclesiástica não logrou logo uma vitória imediata, e algumas tradições católicas do passado continuaram a subsistir. As transformações fundamentais não se dão da noite para o dia, por isso, continuou as práticas de acender fogueiras na noite de São Pedro e de São João, consagrações do arado, o uso do sinal da cruz, a aspersão com água-benta, entre outros rituais católicos que persistiram principalmente no Continente europeu. As transformações fundamentais não se dão da noite para o dia e a Igreja católica continuava a oferecer um ambiente propício à uma série de práticas mágicas ou semi-mágicas.

Apesar dessas sobrevivências católicas, não é possível negar a notável rapidez com que se difundia a aversão a qualquer rito religioso com laivos mágicos entre parcelas da população comum. No século XV, as peregrinações e a hagiolatria estavam em declínio e na época da Reforma henriquiana, havia uma sólida base do protestantismo popular. Assim, o protestantismo apresentou-se como uma tentativa deliberada de retirar os elementos mágicos da religião, de eliminar a idéia de que os rituais da Igreja tinham uma eficácia mecânica e de abandonar o empenho de conferir a objetos físicos qualidades sobrenaturais por meio de fórmulas especiais de consagração e exorcismo. O protestantismo diminuiu o papel institucional da Igreja como dispensadora da graça de Deus. O homem podia buscar diretamente a benção de Deus, pois ele estava em relação direta com Deus e dependia exclusivamente dele. Não confiava mais na intercessão de medianeiros e esforçavam-se para traçar uma distinção de gênero entre magia e religião. A magia não devia mais ser vista como uma falsa religião, como outrora era considerada pelos teólogos medievais.

Ao depreciar o aspecto miraculoso da religião e elevar a importância da fé individual em Deus, a Reforma protestante contribuiu para formar um novo conceito da própria religião. A religião passou a ser um método ritual de vida, não um conjunto de dogmas.

À primeira vista, a Reforma parece ter iluminado todo esse aparato de assistência sobrenatural. Ela negou o valor dos rituais da Igreja e devolveu ao devoto à imprevisível mercê de Deus. Mas os problemas que tinham recebido algum tipo de solução pelos remédios mágicos do passado ainda persistiam: as flutuações da natureza, os acasos do fogo, o risco de pestes e doenças, o temor aos maus espíritos e todas as incertezas da vida cotidiana.

(5) IN: Epístola de Segundo aos Coríntios capítulo 9, versículo 7

3. A Providência

3.1 - A Origem Divina da Desgraça

Os protestantes recusavam a pretensão da Igreja Medieval de ser capaz de manipular a graça de Deus para finalidades terrenas. Em vez de acreditarem na possibilidade de um auxílio sobrenatural, preferiam lembrar aos seguidores que as "tempestades" desta vida se tornariam suportáveis pelas bonanças da vida eterna, e que a esperança da eterna bem-aventurança era uma compensação mais do que o suficiente para as dores e tristezas da existência humana. Citavam o apóstolo João: "No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, Eu venci o mundo". (6). Mas o que agora restava do poder antigamente atribuído ao Deus cristão não se reduzia a essa distante esperança. Ainda se acreditava que a onipotência divina se refletia nos acontecimentos diários e que o mundo oferecia inúmeros testemunhos da manifestação constante dos desígnios de Deus.

Todos os teólogos pós-Reforma pregavam que nada neste mundo poderia ocorrer sem a permissão de Deus. Segundo Thomas Cooper, "o que chamamos de destino, não é senão a mão de Deus, operando por e para causas que desconhecemos". Aquilo que vocês chamam escarnekedonamente de destino, escreveu John Knox, "nós chamamos de escolha eterna e desígnio imutável de Deus". (7).

Todo o cristão tinha o consolo de saber que a vida não era uma loteria, mas refletia a realização dos desígnios de Deus. Se as coisas iam más, ele não precisava culpar sua sorte, mas podia ficar tranquilo que a mão divina estava agindo. Como assinalara Calvino, os perigos da existência cotidiana tornavam a vida insuportável para as pessoas que ditassem que tudo acontecia por acaso e que estavam sujeitas a todos os caprichos do destino arbitrário. O cristão podia se submeter a Deus, seguro no saber que nenhum mal recairia sobre ele (8), a menos que assim o permitisse o Onipotente. O capítulo 24 de São Mateus fala dos acontecimentos que predirão a vinda do Senhor Jesus Cristo. A fome, a peste, a guerra os terremotos, eram os "princípios das dores", mas consolavam-se em pensar que o sofrimento deste mundo não se compara com a glória que haverá de ser revelada aos santos. Segundo o bispo Davenant "todo aquele que captasse plenamente a doutrina da predestinação sofre pacientemente qualquer infortúnio que possa recair sobre si" (9).

(6) IN: Evangelho de São João, capítulo 16, versículo 33

(7) IN: Religião e o Declínio da Magia - p. 77

(8) IN: Bíblia Sagrada - Livro de Salmos, capítulo 91, versículo 10: "Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda"

(9) IN: Religião e o Declínio da Magia - p. 79

Para as pessoas aflitas, a religião era a única alternativa ao absoluto desespero. A doutrina da Divina Providência consolava os homens pela morte de seus parentes próximos, reconfortava-os em seus infortúnios terrenos e apresentava a perspectiva da felicidade vindoura, como compensação das efêmeras dores da existência terrena. Diante das aguras da jornada animavam-se meditando no sofrimento de Jó, de Jeremias, de Cristo ou de outro herói da fé.

Era habitual considerar as calamidades nacionais como reação de Deus aos pecados do povo. A Bíblia mostra que as pragas e desgraças geralmente eram um castigo por algum pecado notório. As catástrofes eram causas diretas da transgressão do povo: terremotos, inundações, incêndios, mortes drásticas, etc.. Nessa época difundiu-se a idéia de que as doenças eram provocadas pelo pecado, e que o doente podia recuperar-se mediante o seu arrependimento. Circulava, também, a idéia de que a doença não era contagiosa em si, visto que as vítimas da peste estavam previamente condenadas por decreto divino; assim não havia por que evitar visitar um doente, e qualquer medida protecionista seria inútil. Numa época de literalismo bíblico, o verdadeiro cristão fiel a Deus, seria difícil ignorar a mensagem do Salmo 91 (110). O cristão só prosperava se obedecesse aos mandamentos divinos. Assim, Max Weber concluiu que nenhuma religião contribuiu tanto quanto o puritanismo para identificar as realidades econômicas com o êxito espiritual.

3.2 - Casos de Advertência

No decorrer de todo o século XVII, os pregadores repetiram que os cometas, sinais no Céu e na lua, inundações, disco-voadores e nascimentos monstruosos eram sinais enviados por Deus para levar o homem ao arrependimento. O puritano William Greenhull, declarou que "Deus avisa antes de punir" (11). Dessa forma todo acontecimento "sobrenatural" como brigas de anjos nos Céus, cometas, augúrios, catástrofes, pios de corujas, pássaros esvoaçando sobre os leitos do moribundo eram mandados por Deus para conduzir o homem ao arrependimento sincero.

O zelo puritano pela Reforma dos costumes era inspirado pela convicção de que, se os homens não se emendassem, a ira de Deus recairia sobre a terra de maneira direta e identificável. Muitos dos exemplos mais gritantes de intolerância puritana devem ser explicados pela firme convicção dos devotos de que, se não tomasse uma atitude em nome de Deus contra os católicos, laudianos, quacres ou quaisquer inimigos seus, todos iriam sofrer. A busca de um bode expiatório resultava da convicção de que todas as calamidades naturais deviam ter necessariamente uma causa moral.

(10) 1N: Bíblia Sagrada - "Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Virei do senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha for

As pessoas da época não mostravam grandes hesitações em reconhecer infortúnios enviados por Deus aos vizinhos, nem em identificar o pecado específico que os provocara. Assim, a população recebia as sentenças como enviadas diretamente de Deus. Os terremotos, os relâmpagos, os furações, a grande quantidade de sapos e moscas, e a morte súbita de diversas pessoas eram providências executadas por Deus aos homens.

3.3- Sacrilégios

Os puritanos haviam sido os que mais distinguiram a presença de Deus nos fatos do dia-a-dia. No entanto, não devemos omitir a influência católica por trás da tradição. Divulgavam que as propriedades monásticas confiscadas por Henrique VIII traziam em si uma maldição divina, que recaía sobre seus novos donos por se apropriarem para usos seculares de bens outrora dedicado a Deus. Um provérbio inglês da época expressava que "o que se consegue por mal entra e sai fácil" (12). Citavam também a passagem bíblica de provérbios 20:25: "É destruição um homem devorar o que é santo".

Os confiscadores ou ladrões de objetos sagrados, os ocupantes de terras monásticas, os apossadores de dízimos⁺ sagrados e outros praticantes de atos horrendos, recebiam sacrilégios pelo que praticavam. Defendiam que, desde a época do Antigo Testamento, os sacrilégos recebiam castigos aplicados por Deus.

Esse tipo de pesquisa histórica foi ao longo de muitos anos desaprovada, como algo que feria às famílias da nobreza e fidalguia cujas fortunas e riquezas acumuladas se assentavam na aquisição de propriedades eclesiásticas através de compras ou mesmo confiscos. Tanto católicos quanto anglicanos referiam-se aos castigos que recairiam sobre os

talvez, e nele confiarei. Porque ele te livrará da laço do passarinho, e da peste perniciosa. Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas estarás seguro: a sua verdade é escudo e broquel. Não temerás espanto noturno, nem seta que voe de dia. (...) Dat-lhe-ei abundância de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.

(11) IN: *Religião e Magia* - p. 86

(12) IN: *Religião e o Declínio da Magia* - p. 91

+ Dízimo é a décima parte da produção, décima parte.

sacrílegos e seus pósteres, até a terceira geração.

Porém, nem todos os protestantes acatavam essa idéia de sacrilégio. O ardoroso Thomas Fuller ou John Milton, negavam categoricamente que houvesse qualquer elemento sacrilégio na dissolução das celas monásticas. O mito de que pairava o castigo divino sobre os donos laicos de terras monásticas é interessante por indicar que ainda sobrevivia a crença de que os castigos divinos podiam assumir formas terrenas. Mas sua relativa ineficácia mostra que tais convicções não conseguiriam levar muita gente num rumo contrário ao ditado por seus interesses materiais. Muitas pessoas continuavam a praticar falsos atos visando, sobretudo, o interesse material, a riqueza, os bens.

4. A Doutrina e suas Aplicações

Os relatos sobre as punições enviadas por Deus destinavam-se, em sua maioria, a fortalecer algum código moral existente. Para os puritanos não havia argumento mais forte para a observância sabática⁺ do que os casos das catástrofes que tinham recaído sobre os desrespeitadores do dia de descanso. Atendia-se a uma finalidade didática imediata com as histórias de pessoas que tinham se afogado enquanto tomavam banho na hora do sermão, ou de cidades incendiadas porque abriam suas portas aos domingos. A doutrina das providências tornou-se um estímulo para levantar o moral, de importância considerável. A tendência dos puritanos em ver a mão de Deus por trás de suas decisões pessoais era particularmente irritante para seus adversários. Podia assumir formas ingênuas ou brutais. Um exemplo ingênuo pode ser o caso do devoto John Bruen quando assistira a um ofício religioso, seus olhos foram atraídos por uma moça excepcionalmente bonita; o pensamento que ocorrera de imediato foi: "Olha só! Pode ser a mulher que o Senhor destinou para ser minha esposa" (13). Exemplo brutal é o prazer com que os puritanos registravam qualquer nascimento monstruoso ou infelicidades semelhantes que recaíam sobre seus adversários. Esses exemplos brutais ^{Devon} um clérigo anglicano a manifestar seu desejo de que os que pregavam sobre os castigos divinos bem que podiam ter as línguas cortadas, pois Deus, afinal, era o Deus da eterna misericórdia.

Na Inglaterra tudoriana e stuartiana, muitos desses pressupostos eram amplamente partilhados tanto por cientistas como por teólogos. Eles se refletiam, por exemplo, na teoria do microcosmo, segundo a qual as perturbações físicas nos céus pronunciariam ou refletiriam perturbações morais ou sociais na terra. Os moralistas sempre haviam ensinado que o incesto, o adultério e outras formas de imoralidade[?] sexual eram punidos com os proble-

+ Sabática é relativo ao sétimo dia da semana. Doutrina guardada pelos Adventistas do 7º dia.

(13) IN: Religião e o Declínio da Magia - p. 98

mas de saúde e nascimentos monstruosos; essa crença foi adotada por médicos e parteiras que, ainda no século XVIII, sustentavam que as crianças deformadas eram frutos de relações sexuais ilícitas, indecentes.

A doutrina das providências era uma tentativa conscienciosa de impor ordem à aparente aleatoriedade dos destinos humanos, provando que, a virtude era recompensada e o vício não passava impune. Para a doutrina da Providência a justiça do outro mundo iria compensar plenamente os aparentes caprichos da vida terrena. Aqui, mesmo suportando os horrores que a vida oferece, não é de comparar com a futura, ou seja, a eterna.

Enquanto isso, estavam-se empregando critérios de comprovação mais rigorosos para questionar a doutrina das providências imediatas. Enfatizavam o princípio calvinista original de que os segredos de Deus são inescrutáveis. Muitos médicos e teólogos contestavam a ideia de que a doença pudesse provir de Deus, assinalando que o legislador Supremo dificilmente alcançaria seu objetivo dessa forma.

Na historiografia, tornava-se cada vez mais antiquado, após os meados do século XVII, explicar os acontecimentos em termos da Divina Providência.

A descrença nas providências imediatas de Deus não desfez de todo. As vicissitudes do século XVII fortaleceram, mais do que debilitaram, a concepção providencialista da política. As epidemias, incêndios e terremotos do século XVIII continuaram a ser recebidos como atos de Deus. Os evangélicos e metodistas viam providências e mercês com a mesma constância que seus predecessores puritanos. O Salmo 91 continuava a ser citado como prova de que o devoto não seria atingido pela epidemia (14), e a vacina era tida como uma prova de duvidar da providência divina.

Os teólogos do período pós-Reforma estavam, pois, impondo a doutrina da Onipotência divina a um povo simples há muito tempo acostumado a uma série de outros tipos de explicação. Alguns tinham a doutrina da Divina Providência como uma filosofia melancólica, prometendo que os que suportassem os males do século presente, ou seja, os males deste mundo, com paciência, teriam uma vida eterna de recompensa. (15)

(14) IN: Bíblia Sagrada - Versículo 3 do Salmo 91: "Porque Ele te livrará do laço do passarineiro, e da peste perniciososa.

(15) Ibidem: Capítulo 58 do livro de Salmos, versículo 11: "Então dirá o homem: deveras há uma recompensa para o justo; deveras há um Deus que julga na terra.

5. PRECE E PROFECIA

"Na Verdade, na verdade vos digo que tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar". João 16:23

5.1 A PRECE

A doutrina dos reformadores protestantes sobre o tema da Divina Providência mostra que eles acreditavam que Deus, por sua própria vontade, poderia intervir nos assuntos terrenos, para ajudar ao seu rebanho, ao seu povo que clama pelo seu nome. Também sustentavam que não havia benefício que o cristão piedoso não pudesse obter ao orar por ele. Pregavam que tudo que o cristão pedisse em nome de Jesus, crendo receberia. Os devotos oravam pela multiplicação do pão, pela saúde, pela fartura, pelo perdão, pela prosperidade, pelo bom parto, pela multiplicação da fé, etc. Jejuavam, oravam, liam salmos e faziam sacrifícios de louvor a Deus. Esse ritual era mais frequente entre os puritanos do que nos demais grupos reformados.

É interessante notar (e se compararmos com os nossos dias, perceberemos o mesmo no seio das Igrejas protestantes) que para cada ocasião havia uma oração específica. As orações eram feitas de acordo com as necessidades do momento. Baseavam sua confiança de serem atendidos em vários versículos bíblicos, inclusive Mateus 7:7 (16), João 16:23 (citado acima) entre outros versículos que os farteleciam. Os tipos de orações mais frequentes eram as não-rogatória, para tomar decisões mediante uma ocasião difícil, para resolver algum problema ou uma dificuldade, para Deus curar enfermidades, etc. Havia também orações de orientação espiritual e recorriam às sortes através de versículos bíblicos, ou seja, oravam pedindo a Deus direção e abriam a Bíblia. No versículo que seu dedo apontasse estaria a vontade de Deus para o consulente. Muitos membros da Igreja cristã primitiva haviam tentado invocar o auxílio divino recorrendo a sorteios. A Igreja Medieval, coerentemente, deplorava o hábito de tomar decisões dessa maneira, alegando que constituía uma tentação supersticiosa, ou seja, estava tentando a Deus. A Reforma não mudou muito sob este aspecto. A Bíblia e o salterio continuavam a desempenhar um papel importante na advi-

(7)- 1N: Bíblia Sagrada: "Pedí, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batej, e abri-
-se-vos-á"

nhação popular, ao mesmo tempo que encontramos o recurso às sortes nas escrituras, registrado nas biografias de muitos religiosos puritanos do século XVI e XVII. Dessa forma muitos recorriam à "loteria bíblica" para saber sua sorte. A sorte e o sorteio eram comumente usados no período pós-Reforma e, após a morte de John Wesley[†], a conferência metodista resolveu a importante questão de que os ministros e pregadores metodistas tinham ou não autoridade das Escrituras para ministrar a comunhão, recorrendo à prece e em seguida ao sorteio.

Até o início do século XVII, o sorteio era visto como um apelo direto à Divina Providência. A partir de então, muitos puritanos passaram a combater a loteria bíblica, citando que os jogos de azar - sorteios de passatempo -, eram proibidos, na medida em que supunham um recurso à Divina Providência por razões indignas.

Existiam três tipos de atitudes em relação ao uso do sorteio:

1. Considerá-los como um meio muito prático de resolver problemas do dia-a-dia com o auxílio de Deus;
2. a convicção crescente de que a invocação do auxílio de Deus para cada ocasião banal era uma postura irreverente e pecaminosa;
3. considerava que um sorteio não fosse em absoluto uma providência divina.

Havia uma história da sra. Joan Drake, de Amersham, que em seus momentos de grande tensão tinha o hábito de abrir a Bíblia e colocar imediatamente um dedo num versículo ao acaso, declarando: "Agora, onde meu dedo estiver, é este o meu caso, qualquer que seja, e minha condenação" (17).

Assim, uma variedade de crenças e histórias populares, algumas delas divulgadas pelo clero, sustentavam a possibilidade da intervenção divina.

5.2 CURAS e PROFECIAS

A maioria dos teólogos pós-Reforma acreditavam na eficácia da prece rogatória, mas ressaltavam que ela se destinava a complementar os remédios naturais, e não propriamente suplantá-los. Seria descabido e supersticioso confiar exclusivamente no auxílio divino, num contexto em que a pessoa tivesse perfeitas condições de ajudar a si mesma. "Não é orar a Deus, mas tentar a Deus", disse um bispo elisabetano, "rogar pelas suas bênçãos sem tam-

(17) IN: *Religião e o Declínio da Magia*

bem nos empenharmos pessoalmente" (118); seria como se um lavrador orasse para ter uma boa safra, mas nem tocasse no arado.

Apesar de muitos anos de protestantismo, ainda faltava qualquer solução alternativa para os problemas a que a magia da Igreja Medieval tentara responder. Em 1640, quando a Igreja caiu, foram as seitas (com curas pela fé e profecias) que preencheram o vazio.

Os batistas, em suas atividades terapêuticas, baseavam-se em Thiago 5:14.(119). Havia diferentes formas de curar, seja ungiendo com óleo como os batistas que mantiveram por muito tempo o ritual de ungir os doentes com óleo, ou mesmo apenas tocando o enfermo com os dedos e orando em seguida. No entanto, muitos recorriam ao jejum e às orações em casos de doenças.

Embora a maioria dos membros da Igreja da Inglaterra julgasse que a Reforma pusera termo aos milagres, já não tinham tanta certeza quanto ao estatuto da profecia religiosa. Os sonhos vívidos podiam ser considerados como revelações. O Senhor podia enviar uma mensagem através de sonhos.

Muitos escritores pós-Reforma se empenharam em definir o sonho em três critérios:

1. Os sonhos por revelação divina;
2. os sonhos impulsionados pelo demônio;
3. os sonhos frutos de uma indigestão.

Todavia, o que se aceitava de maneira geral era que, mesmo improváveis, os sonhos de origem divina ainda existiam. Era uma espécie de profecia que Deus usava para entregar alguma mensagem ao povo, por isso, a religião reforçava a antiga crença no poder divinatório dos sonhos, e os círculos mais ortodoxos acreditavam na possibilidade de profecias religiosas. Para John Kacket, "o espírito de profecia não cessara totalmente". (20).

Para os biografos dos religiosos das épocas Tudor e Stuart, era absolutamente comum atribuir um significado profético a alguma observação casual por parte do biografado. A Guerra Civil teria sido prevista por Richard Hooker, George Abbot e outros mais. Richard Baxter previu o grande incêndio em Brigdnorth; John Hampden pronunciou a carreira futura de Oliver Cromwell. Acreditava-se que muitos devotos teriam recebidos presságios divinos sobre a data de suas mortes. Tais histórias se tornaram um traço essencial das biografias espirituais do século XVII. Elas refletiam o pressuposto popular de que um homem mais santo que seus contemporâneos seria provavelmente dotado de um dom especial de conhecimento do futuro.

(118) IN: *Religião e o Declínio da Magia*

(119) IN: *Bíblia Sagrada* - "Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros"

O reinado de Elizabeth gerou um pequeno exército de pseudo-messias. Em 1561, John Moore foi açoitado por ter dito que era Cristo; William Jeffrey foi encarcerado por ter declarado que era Pedro seguindo Cristo. No mesmo ano, um estrangeiro foi submetido à tortura por pretender ser o Rei dos reis e o Senhor dos Senhores. Existiam outros casos, mas o governo, de modo geral, não dava atenção a esses profetas que diziam serem Cristo, Elias, Gabriel, João Batista, etc., considerando-os como "doidos" ou desvaixados. Mas quando as atividades dos fanáticos ameaçavam ter consequências políticas, as autoridades agiam depressa,

Muitos profetas se levantaram durante a Idade Moderna, entre eles John Reeve, Mugleton John Bull e outros.

Edward Wightman, em 1612, veio a ser o último inglês queimado por heresia. Ele dizia ser o Elias anunciado por Malaquias 4:5; o profeta que Moisés disse que se levantaria dentre seus irmãos (Deuterônimo 18:18, Atos 3:22; 7:37), o consolador previsto em João 15:26; (21); os que não acreditassem nele teriam o destino das crianças que criticaram de Elias. Tais ameaças não o salvaram de sua terrível morte, mas seu destino também não dissuadiu os imitadores.

A maioria dos profetas que se levantaram pertenciam a ala radical do partido parlamentarista. Era incomum se levantar algum pertencente ao monarquismo. Havia também muitas pessoas que, mesmo sem anunciarem qualquer pretensão messiânica, vangloriavam-se de terem recebido revelações diretas dos céus. "Todos os santos têm em certa medida um espírito profético", disse Mary Cary, adepta da 5a. Monarquia. (22).

da Igreja, para que orem sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor".

(20) IN: *Religião e o Declínio da Magia* - p.118

(21) IN: *Bíblia Sagrada* - Malaquias 4:5 - "Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor".

Deuterônimo 18:18 - "Eis que suscitarei um profeta no meio de seus irmãos, como tu; e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar."

Atos 3:22 - "Porque Moisés disse: O Senhor vosso Deus levantará dentre vós um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser".

(22) IN: *Religião e o Declínio da Magia* - p. 123

Após tornar as Escrituras amplamente acessíveis ao povo, a Reforma passou a dar maior atenção às passagens bíblicas proféticas contidas no livro de Daniel e no Apocalipse. Os teólogos achavam extremamente impróprio calcular a data da vinda de Cristo e do Juízo Final, mas como observou o bispo Jervel em 1583, as pessoas vinham fazendo isso há 200 anos, embora sem êxito. Além disso, a essa crença mais antiga na iminência do Juízo Final ligava-se a concepção mais especialmente milenarista de que, quando isso acontecesse, o fim do mundo ia ser anunciado por uma série de acontecimentos espetaculares e simbólicos, entre eles a conversão dos judeus, a Queda de Roma e o Governo Pessoal de Cristo com seus santos. Baseavam-se em Apocalipse 20:4; Daniel 7:18-27, etc.. Segundo alguns comentaristas, esse milênio já se iniciara. Mas no século XVII, vários autores começaram a sugerir, certamente baseados nas profecias, que ele ainda estava por vir.

A torrente de profecias foi bruscamente contida pela Restauração, a volta da Igreja Anglicana e a Perseguição às seitas dissidentes. As classes dirigentes estavam decididas a barrar qualquer anarquia social dos anos da Interregno, mas ainda restavam alguns visionários dizendo receber revelações diretas de Deus, no entanto, após o ano de 1660, tornaram-se mais escassos.

É sempre difícil mapear as mudanças na opinião pública. No século XIX, as regiões rurais da Inglaterra produziam periodicamente messias de aldeia, tão esquisitos quanto qualquer um dos da época do Interregno. Porém, pode-se apresentar melhor essa mudança dizendo que, no século XVI, as alegações de um pretenso profeta sempre seriam seriamente investigadas, mesmo que ao final se mostrassem infundadas, mas no século XVIII, a maioria das pessoas cultas concordava em descartá-las a priori, como coisas ridículas.

6. A RELIGIÃO E O POVO

6.1. A Igreja e a Sociedade

Mesmo depois da Reforma, a religião organizada continuou a ajudar os homens a enfrentarem os problemas diários, sempre oferecendo uma explicação para a desgraça e uma fonte de orientação em épocas de incerteza.

A Igreja Anglicana era nada menos do que a própria sociedade em um ato mais solene. O modo de culto anglicano simbolizava a sociedade em que viviam. Havia divisões nos assentos; ou seja, as mulheres ficavam separadas dos homens e as moças separadas das matronas; os ricos sentavam-se na frente e os pobres atrás. Os clérigos desempenhavam papel importante. Numa época sem rádio, televisão ou jornais, o púlpito era o mais importante meio de comunicação direta com o povo. Os sermões da época discutiam não só teologia, mas também modos de conduta, política, economia, casamento, divórcio, difamação, usura, etc...

A religião, portanto, tinha um caráter multidimensional, que lhe conferia uma importância que nunca poderia ser equiparada pelas crenças mágicas da época.

Tanto no meio católico quanto no protestante, os clérigos agiam como árbitros para seus fiéis, aconselhando-os em seus problemas e ajudando a resolvê-los. O pastor ou o padre, além da função religiosa, era "advogado", "juiz", mediadores, no entanto, o cumprimento dessas tarefas por parte dos clérigos havia se enfraquecido muito com a abolição da confissão, pela Reforma.

Na Idade Média, o leigo, graças à confissão, tinha mais facilidades de contar seus problemas ao padre local. Com a Reforma, os protestantes dispensaram a confissão auricular regular, pregando que, "só existe um mediador entre Deus e os homens que é Jesus Cristo" (23), 'através dele, o homem pode confessar e receber o perdão dos seus pecados, sem ter que procurar nenhum outro homem na terra para se confessar. Porém, a maibria dos clérigos lamentava' o desaparecimento da comunhão.

Em lugar da confissão, o clero tentou desenvolver novos meios de influenciar os leigos na tomada de decisões. No século XVII, pastores protestantes lançaram muitos livros, onde o leitor instruído podia encontrar a solução de algum problema parecido com o seu. As orações e a função psicológica do diário espiritual também foram adotadas para resolver os problemas humanos. Mas para a maioria das pessoas, não havia o que substituísse o conselho pessoal. O aconselhamento pastoral era uma modalidade importante na psicoterapia, e o indivíduo melancólico ou suicida em potencial era remetido regularmente ao clérigo para ter auxílio e reconforto. Mas essa atividade era demasiado informal e sem coordenação para conseguir preencher a lacuna deixada pela confissão.

6.2. Ignorância e Indiferença

O fato de a religião ortodoxa nunca ter exercido um domínio completo sobre os ingleses aumentou o poder de atração dos sistemas de crença não-religiosos. Na verdade, é questionável se alguns setores da população da época chegavam a ter uma religião. Muitos frequentavam a igreja com considerável relutância, e um certo número deles se conservava, a vida inteira, em absoluta ignorância dos princípios elementares do dogma cristão. Há várias indicações sugerindo a ausência das pessoas nas Igrejas. As pessoas de classe pobre reclamavam a indiferença, a hostilidade, as roupas inadequadas, etc.. Os mais abastados apresentavam desculpas para a ausência: estavam doentes, tinham que fazer "tal" obrigação, tinham medo de serem presos por dívida. E mesmo assim, quando apareciam na Igreja, praticavam todos os tipos de atividades irreverentes durante o culto religioso: membros da congregação se empur-

(23) 1N: Bíblia Sagrada - 1 Timóteo 2:5

ravam disputando os lugares, davam cotoveladas nos vizinhos, pigarreavam, tricotavam, davam tapas uns nos outros, faziam comentários grosseiros, contavam piadas, dormiam e até discarregavam armas. O tom de muitas congregações elisabetanas pareciam ser de uma turma irritante de escolares. Quando saíam aos magotes da igreja para a taverna, várias brincadeiras blasfemas anunciavam que tinham se livrado de uma incômoda impressão. Um alfaiate de Wisbech foi denunciado em 1601 por uma típica amostra de humor de terceira categoria: depois de um sermão sobre as palavras *TU ÉS PEDRO E SOBRE ESTA PEDRA EDIFICAREI A MINHA IGREJA*, ele, numa cervejaria, pegando um caneco cheio na mão, de jeito gozador pronunciou essas palavras: "Sobre esta pedra edificarei a minha fé". E lá estando no grupo alguém que se chamava Pedro, ele aplicou-lhe a frase, dizendo: "Tu és Pedro", e então, pegando o caneco, disse: "Mas sobre esta pedra edificarei minha igreja", (24).

No século XVII, os seguidores obedientes de Cristo era uma minúscula minoria num mundo pecaminoso que "jaz no maligno", percebendo-se que é nas camadas mais baixas do povo que se encontra os maiores inimigos da religião. Os jovens também não gostavam de preces ou pregações, e os mendigos totalmente despidos do temor de Deus, tornando, assim, difícil a tarefa de propagar a doutrina religiosa.

A instrução popular e o conhecimento acerca de Deus era tão difícil (os pregadores escreviam seus sermões num nível que só os eruditos entendiam) que, um pobre ancião, sendo indagado na hora da morte acerca do que pensava sobre Deus, ele respondeu "que era um velho bondoso;" e de Cristo, "que era um jovem rapaz dócil"; e de sua alma, "que era um grande osso do corpo". (25).

Esse homem, diz o autor, era um homem que tinha ouvido pelo menos dois ou três mil sermões em sua vida.

As dificuldades para aprender e ensinar a religião era grande. A gente de classe baixa não entendia, sequer, o pai-nosso. Segundo um escritor conhecido como Hugh Latimer, muitos preferiam as histórias de Robin Hood, em vez de sermões; sabiam mais sobre Robin Hood do que das histórias da Bíblia. A ignorância religiosa era provavelmente mais comum nas áreas florestais, do que nas aldeias concentradas e estáveis das comunidades em campos abertos.

Durante a época medieval, a ignorância às coisas sagradas era tanta que, um pregador do século XIV, John Branyard, costumava contar a história do pastor de ovelhas que, indagado se sabia o que eram o Pai, o Filho e o Espírito Santo, respondeu: "O pai e o filho eu conheço bem porque cuido dos rebanhos deles, mas esse terceiro camarado eu não co

(24) IN: *Religião e o Declínio da Magia* - p. 143

(25) IN: *ibidem* - p. 144

nheço; não tem ninguém na nossa aldeia com esse nome. (26). Mas essa ignorância religiosa não foi restrita apenas durante a Idade Média. Mesmo depois da Reforma, ela continuou a existir e, segundo os puritanos, foi a falta de pregadores que isso aconteceu.

7. CETICISMO

No que diz respeito a um efetivo ceticismo, principalmente nos séculos XVI e XVII, na época de Elizabeth e Jaime I, muitos intelectuais aristocráticos, influenciados pelos textos clássicos e pela Escola de Pádua, adotaram uma postura ateísta que os levava a negarem muitas verdades bíblicas, tais como:

- a imortalidade da alma;
- a realidade do céu e do inferno;
- a divindade de Cristo;
- ...e muitos consideravam que:
- O Novo Testamento estava mal e "porcamente escrito" (Christopher Marlowe). (27).
- que Cristo era um bastardo;
- que os apóstolos eram tipos vulgares;
- que Cristo era homossexual;
- que somos iguais aos animais;
- que não existia Deus nem demônio;
- que não existia verdade nas Escrituras;
- que Cristo não tinha ressuscitado.

Os mais sujeitos a denúncias por heterodoxia religiosa eram os forasteiros e estranhos, não aceitos de todo pela comunidade; como os que seriam posteriormente acusados de feitiçaria, eram pessoas com uma posição social ambígua ou incerta.

A Reforma não interrompeu a continuidade do ceticismo popular. No reinado de Eduardo VI, eram bastantes conhecidos os heréticos que negavam a imortalidade da alma e a existência do céu e do inferno.

Para ilustrar melhor sobre o ceticismo, mesmo depois da Reforma, citaremos o que alguns céticos diziam a respeito da religião e de tudo concernente a Deus:

- "Cristo não era salvador nenhum, e o Evangelho, uma fábula". (questionador de Star Chamber).
- "Deus não criou o sol, a lua, a terra, a água e não ressuscita mortos". (Robert Master, Kent).

(26) IN: *Religião e o Declínio da Magia* - p. 146

(27) IN: *ibidem* - p. 146

- "Todas as coisas vêm pela natureza" (lavrador de Bradwell, Essex).
- "O céu é quando os homens riem; o inferno quando sentem dor" (Família do Amor , Selta) - (28).

Ao cabo, essas heresias podiam levar ao reúdio formal de toda a religião. Ao avaliar tais declarações, devemos lembrar que, durante a maior parte desse período, a não-ortodoxia religiosa ainda era considerada como um delito extremamente grave. Entre 1548 e 1612, pelo menos oito pessoas morreram na fogueira por defenderem crenças anti-cristãs.

Na verdade, percebemos que até mesmo as sociedades mais primitivas têm seus céticos em matéria de religião. Pode ser que as transformações sociais tenham aumentado o grau de ceticismo na Inglaterra nos séculos XV e XVI. O que é certo é que o domínio da religião organizada sobre o povo nunca foi tão integral a ponto de não deixar espaço para outros sistemas de crenças rivais.

II P A R T E

EM BUSCA DA CULTURA POPULAR

1. Os Andarilhos

2. A Reforma da Cultura Popular

2.1. A Primeira Fase da Reforma: 1500 - 1650

2.2. A Cultura dos Devotos

2.3. A Segunda Fase da Reforma

II PARTE

CULTURA POPULAR

1. Os Andarilhos

Durante a época Moderna, a cultura popular estava longe de ser homogênea. Havia muita divergência. Cada um que queria ter seu próprio pensamento, sua forma de pensar diferente em relação a muitas coisas.

O autor Peter Burke emprega o termo "subcultura" (ao invés de cultura) definindo-o como um sistema de significados partilhados, mas as pessoas que participam dela também partilham os significados da cultura em geral.

Os quatro grupos mais conhecidos que formavam os itinerantes da subcultura são os marinheiros, os soldados, os mendigos e os ladrões. Eram exércitos de mercenários distinguidos pelos trajes e que, além de estarem à margem da sociedade comum, eram temidos, odiados e comupunham canções que exprimiam desilusões.

A mais distinta dessas subculturas era a dos marinheiros. Se distinguiam de vários modos dos homens da terra firme, tais como o uso de roupa diferente, o boné vermelho, o rabo de cavalo, a camisa xadrez e a própria linguagem. Tinham rituais próprios; folclore próprio; magia, arte, dança, almanaques, estalagens e confrarias próprias.

Enquanto a subcultura marinheira era a mais distinta, a dos mendigos e ladrões era a mais diferenciada. Tinha linguagem particular (gíria); possuía um chefe, hierarquia e leis. Existiam guildas de ladrões (malandros) e possuíam instituições de treinamento.

Os mendigos e ladrões podem ser considerados antes elementos de uma "contracultura" do que de uma subcultura. Existia, portanto, as diferenças religiosas em toda a Europa nos séculos XVI ao XIX, e essas diferenças culturais estão entre as mais impressionantes. Em 1500, a Europa cristã já estava dividida entre católicos e ortodoxos e logo se dividia ainda mais com o protestantismo.

Os judeus, os mouros e os ciganos eram grupos religiosos que constituíam minorias. Os ciganos se destacaram dos outros grupos tanto pelos costumes, como na linguagem. Os homens eram funileiros, comerciantes de escravos, amestradores de urso e músicos; as mulheres dançavam e liam a sorte através das mãos.

Já que existia tanta variação regional, onde uns amavam sua terra ao mesmo tempo que desprezavam a cultura de outra região, a importância de cada setor regional foi importante para a elaboração do estudo da cultura popular porque apontava os níveis da difusão cultural" (1).

(1) : BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. p. 78

O cristianismo há muito vinha convertendo a cultura europeia num conjunto único: as mesmas festas, as mesmas santos, sempre as mesmas celebrações em todo continente. Contudo, "para entender a cultura de uma comunidade particular, é preciso não só situá-la dentro de uma dessas Europas, mas também relacioná-la ao eixos de contraste que acabamos de descrever". (2).

A Reforma viria exercer atuação sobre alguns grupos étnicos ou profissionais, por reforçar seu sentido de identidade coletiva. Assim, na Transilvânia, os alemães adotaram a doutrina de Lutero, os húngaros viraram calvinistas e os romenos se mantiveram ortodoxos.

2. A Reforma da Cultura Popular

1. A Primeira Fase da Reforma: 1500-1650

Quando começou a surgir as primeiras reformas na cultura popular da Idade Moderna, os artesãos e os camponeses serviram como "receptáculos" passivos da Reforma, buscando o auto-aperfeiçoamento e procurando deixar as coisas que eram meros rituais supersticiosos e de que nada valhiam. Liderada pela clero, a Reforma possui dos lados: o negativo, que consistia na tentativa de suprimir, ou pelo menos purificar muitos itens da cultura popular tradicional, e o positivo, no qual, os reformadores puritanos preocuparam-se em levar as reformas protestantes e católicas aos artesãos e camponeses que, como falei anteriormente, eram os receptáculos da reforma. Esse era um dos primeiros passos, já que os missionários sentiam dificuldades em pregar o cristianismo em cultura estranha.

Os reformadores pregavam contra certas formas de religião popular, festas religiosas como os dias de santo e peregrinações. Investiam queimando livros, imagens, fechavam teatros, etc.. "Essa reforma não se restringiu ao popular, pois os devotos desaprovavam todos os tipos de peças." (3). Desaprovavam todo tipo de peça, recreações populares, danças (principalmente a folclórica), enfim, os reformadores investiam contra tudo que não era cristão. Para os reformadores, o carnaval é não-cristão por conter vestígios do antigo paganismo, e o povo se entrega à luxúria, à licenciosidade, a tudo que contrapõe os bons ensinamentos cristãos. Reprovaram muitos costumes populares por serem reminiscências pagãs, superstições, e portanto, diabólicos e errôneos. No seio da Igreja católica assemelharam o culto à Maria ao culto de Venus; São Jorge era um Perseu; São Cristóvão como Polifemo, en-

(2) - BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna - p. 84

(3) - idem, ibidem - p. 232

tre outros. Os protestantes acusavam os católicos de praticarem uma religião mágica, cheia de erros e superstições.

Os rituais populares se modelaram segundo a literatura cristã. O sermão popular sofreu ataques. O bom pregador devia jogar com as emoções de sua audiência por meio de suas palavras, e não contorcendo o rosto ou gesticulando. Giann Matteo Gilberti, bispo de Verona, condenou os pregadores que "contam histórias ridículas e contos de velhas à maneira dos bufões e fazem a congregação rir às gargalhadas" (4). Reprovavam peças, como a Paixão, Ressurreição ou o Natal, pois elas apresentavam excessos e feriam os fracos na fé. No teatro, era reprovado que atores de maus princípios representassem a vida dos santos.

Os reformadores insistiam na separação do sagrado e do profano. As festas eram denunciadas como ocasiões de pecado; as peças despertavam perigosas emoções e incitavam a fornicação; os jogos e festividades eram ocasiões de violência; as canções populares eram reprovadas por apresentarem o assassino como herói; as recreações populares eram vaidades e desagradavam a Deus por desperdiçarem tempo e dinheiro. Baseavam-se no que disse o profeta Isaías: "Por que gastais o teu dinheiro naquilo que não é pão?" (5).

Em 1551, um concílio eclesiástico russo denunciou jogos de origem grega que eram realizados na noite de São João e no Natal. Proibiu o povo de consultar curandeiros, mágicos populares, de usar os homens roupas de mulheres e vice-versa.

Havia variações no movimento: os reformadores católicos tendiam a modificar os rituais populares, enquanto os protestantes queriam a eliminação completa. Os protestantes queriam abolir os feriados religiosos, a quaresma, o carnaval, os dias santos, os ídolos, etc.. Os católicos insistiam que alguns dias eram mais santos que outros, mas quanto a festa do carnaval, as peças e as danças concordavam com os protestantes - deviam ser eliminadas. Proibia o clero de participar de festas à maneira popular, mas eram menos radicais do que os protestantes. Queriam festas purificadas, não eliminadas.

A divisão dos reformadores entre católicos e protestantes ainda é simplista. Os luteranos eram mais tolerantes do que os zuinglianos ou os calvinistas em relação às tradições populares. Havia reformadores que objetavam contra comidas, bebidas, danças e jogos durante as festas da Igreja.

Os religiosos condenaram a cultura popular em termos parecidos desde os primeiros dias do cristianismo. Lutero encarava com relativa simpatia as tradi-

(4) BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna - p. 235

(5) Bíblia Sagrada - Isaías 55:2

ções populares, enquanto Calvino foi muito mais além que ele em sua oposição às culturas populares. As atitudes dos calvinistas na República holandesa eram severas. Proibiam o uso do sino e órgãos na Igreja para tocar canções mundanas.

Os bispos católicos, reunidos em Trento, lançaram vários decretos para a reforma da cultura popular, no entanto, defenderam a tradição do uso de imagens de escultura, nas igrejas.

"Na invocação dos santos, veneração das relíquias e uso sagrado das imagens, toda superstição deverá ser removida, toda busca imoral de ganho eliminada e toda lascívia evitada".(6).

Dos anos 1560 em diante deu-se um movimento organizado dentro da Igreja católica, em apoio aos reformadores individuais. Muitos bispos e arcebispos davam grande importância à seriedade e modéstia do clero, e eram inimigos das tavernas, peç^os e, acima de tudo, do carnaval. Maximiliano, duque de Baveiera, "proibiu as má^gicas, máscaras, trajes curtos, banhos mistos, leitura de sorte e linguagem indecorosa nos casamentos". (7).

A metade do século XVII pode ser considerada como término de uma primeira fase na reforma da cultura popular, gerada pelos reformadores católicos e protestantes, conduzida pelo clero e justificada com razões teológicas.

2.2 - A Cultura dos Devotos

Os reformadores tinham ideais positivos e sabiam que não tinham êxito se não oferecessem ao povo algo para substituir as festas, canções e imagens tradicionais que estavam tentando abolir. Por isso, tentaram criar uma nova cultura popular.

O que fizeram?

1. Lutero reescreveu a Bíblia em linguagem acessível à pessoas simples (em várias línguas);

2. organizou uma coletânea de livros para afastar os jovens das baladas de amor e versos carnais;

3. os que não sabiam ler recebiam o conhecimento da Bíblia oralmente;

4. conheciam mais os salmos, pois podiam ser cantados. Os salmos mais conhecidos eram os salmos de número 100 e o 46. Citavam salmos nas ruas, cavando alicerce de seus templos, indo para a batalha, funerais, casamentos, banquetes, etc. Os salmos foram substituídos pelas canções folclóricas e até mesmo como canção de ni

(6) Concílio de Trento, 25^a sessão, Apud BURKE, Peter - Cultura Popular na Idade Moderna - p.243.

(7) BURKE, Peter - Cultura Popular na Idade Moderna - p. 244

nar.

5. Renovaram o catecismo, o que servia para conhecimentos bíblicos. Adotaram o catecismo versado para facilitar a memorização.

Nessa época, alguns livros de orações se tornaram best-seller. "O caminho do Homem Simples para o Céu" de Arthur Dent influenciou John Bunyan, autor de "O Peregrino".

Tanto na área luterana como na calvinista, muitas vezes vê-se que a Igreja ou o templo é decorado com textos. Os textos mais pintados eram "Sei que o meu Redentor Vive"; os Dez Mandamentos; Lucas 21. (8). Num grau maior do que os católicos, a cultura popular protestante era uma cultura da palavra.

Para complicar as coisas nos inícios do período Moderno, os reformadores católicos estavam lutando em duas frentes: contra os protestantes que queriam reformar demais, e contra a imoralidade e a corrupção. A cultura da Contra-Reforma traz as marcas das duas lutas - rituais reformados, imagens reformadas e textos reformados. Os católicos utilizavam os rituais para convencer o povo de que os protestantes estavam errados ou eram perversos, ou ambos.

2.3. A Segunda Fase da Reforma

Ao aproximar o final do século XVI e iniciar o XVII, o clero católico e protestante, tentaram sistematicamente reformar a cultura do povo comum. Ambas (católica e protestante) eram uma Reforma dentro da Reforma.

A batalha entre o carnaval e a Quaresma ainda prosseguia no século XVIII. Ainda se encontrava áreas protestantes que resistiram à reforma da cultura popular. O povo ainda estava ligado ao crucifixo, canções, danças e baladas. "No País de Gales no século XVIII, muita gente continuava a celebrar dias santos, levar relíquias em procissão, realizar corridas, partidas de futebol e rinhas de galo". (9). Feiras, rebequistas, curandeiros, harpistas, cantadores de estórias e vigílias, todos floresciam. Era um desafio aos devotos.

Com esforço, a cultura popular no País de Gales ia sumindo. Os contos folclóricos e as canções mineiras praticamente desapareceram. Graças aos esforços dos calvinistas e metodistas do norte, e dos batistas e congregacionalistas no sul, a cultura popular galesa se tornou, em larga medida, numa cultura de capela, com hinos, sermões e proibições". (10).

Diferenças entre as duas fases da Reforma:

§ O papel crescente desempenhado pelos leigos;

(8) Bíblia Sagrada - "E, olhando ele, viu os ricos lançarem as suas ofertas na arca do tesouro"....

§ importância crescente dos argumentos seculares;

§ sobrenatural: a feitiçaria não foi mais levada a sério pelos reformadores na Segunda fase da Reforma

(9) - BURKE, Peter, *Cultura Popular na Idade Moderna* - p. 261

(10) - idem, *ibidem*. p. 262

+ Frase dita pelo paciente João, quando sua esposa mandou que ele amaldiçoasse o seu Deus e morresse. João 19:25

III PARTE

REFORMA PROTESTANTE

1. O Que Quer dizer "Reforma"?
2. A Razão da Reforma
3. Por que Aconteceu a Reforma?
4. Causas da Reforma
 - 4.1. Fator Político
 - 4.2. Fator Econômico
 - 4.3. Fator Social
 - 4.4. Fator Intelectual
 - 4.5. Fator Teológico
5. Lutero e a Reforma na Alemanha
6. Expansão da Reforma

1. O que quer dizer "Reforma"?

O nome e o sentido dados à Reforma são condicionados pela visão do historiador. O historiador católico romano entende-a apenas como uma revolta de protestantes contra a Igreja universal. O historiador protestante considera-a como uma reforma que fez a vida religiosa voltar aos padrões do Novo Testamento. O historiador secular interpreta-a como um movimento revolucionário.

O bem conhecido termo "Reforma Protestante" foi consagrado pelo tempo. Os reformadores estavam interessados em desenvolver uma teologia que estivesse em completa concordância com o Novo Testamento; eles criam que isto seria possível a partir do momento em que a Bíblia se tornasse a autoridade final da Igreja.

Não é fácil aclarar o sentido do termo "Reforma". Se for considerada apenas como um movimento religioso de criação de igrejas nacionais, seu período de duração vai de 1517 a 1648. Como, porém, a Holanda só aderiu ao protestantismo depois do Concílio de Trento, parece mais correto circunscrever a parte mais importante da Reforma aos anos de 1517 a 1563.

2. A Razão da Reforma

Historiadores protestantes como Schaff, Grimm e Bainton, interpretam a Reforma amplamente como um movimento religioso que procurou redescobrir a pureza do cristianismo primitivo como descrito no Novo Testamento. Esta interpretação tende a ignorar os fatores econômicos, políticos e intelectuais que ajudaram a promover a Reforma.

Os historiadores católicos romanos interpretam a Reforma como uma heresia inspirada por Martinho Lutero por causas de várias razões, entre as quais a vontade de se casar. A partir desta perspectiva romanista, Lutero foi, sem dúvida alguma, um herege que se tornou cismático, mas esses historiadores geralmente se esquecem de que a Igreja medieval tinha já se afastado do ideal do Novo Testamento.

Os historiadores seculares dão mais atenção aos fatores secundários em sua interpretação. Voltaire ilustra muito bem a interpretação racionalista; pare ele, a "Reforma é apenas a consequência de uma briga de monges da Saxônia, a a Reforma religiosa na Inglaterra foi uma consequência de um caso de amor de Henrique VIII" (1). Este tipo de interpretação ignora outros fatores importantes, como o caráter essencialmente religioso da Reforma na Inglaterra durante o reinado de Eduardo VI, filho de Henrique VIII.

(1); GARRNS, Earle E. O Cristianismo Através dos Séculos - p. 225

Embora haja elementos de verdade em todas estas interpretações, será preciso notar que suas ênfases, em geral, recaem sobre causas secundárias e, quase sempre, apenas sobre uma causa secundária particular. A Reforma não se explica de uma forma tão simples, porque as suas causas são múltiplas e complexas.

3. Por Que Aconteceu a Reforma?

Alguns fatores tornaram inevitável a Reforma. Entre muitos, pode-se destacar: a relutância da Igreja Católica Romana medieval em aceitar as mudanças sugeridas por reformadores sinceros como os místicos, Wicliffe e Huss, os líderes dos concílios reformadores e os humanistas; o surgimento das nações-estados, que se opuseram ao poderio universal do papa e a formação da classe média, que se revoltou contra a remessa de reservas para Roma.

a. Mudanças Geográficas - o conhecimento geográfico do homem medieval sofreu mudanças fundamentais entre 1492 e 1600. A civilização do mundo antigo é tida como potâmica, por estar ligada aos sistemas fluviais do mundo antigo. A civilização da Idade Medieval tem sido chamada de talássica, por ter-se desenvolvido em torno dos mares Mediterrâneo e Báltico. Em 1517 as descobertas de muitos navegadores inauguraram uma era de civilização oceânica, em que os mares do mundo tornaram-se as estradas do mundo.

b. Mudanças Políticas - as perspectivas mudaram também no campo político. O conceito medieval de um estado universal estava dando lugar ao novo conceito de nação-estado. Os estados, a partir do declínio da Idade Média, começaram a se organizar em bases nacionais.

c. Mudanças Econômicas - Por volta de 1500, o ressurgimento das cidades, a abertura de novos mercados e a descoberta de fontes de matérias-primas nas recentes terras descobertas inauguraram uma era de comércio em que a classe média mercantil tomou a frente da nobreza feudal na liderança da sociedade.

d. Mudanças Sociais - em 1500, os homens estavam ascendendo, por força dos negócios, a altos níveis sociais. A servidão estava desaparecendo e uma nova classe média, inexistente na sociedade medieval, formada especialmente por proprietários livres, pela pequena nobreza da cidade e pela classe mercantil começou a surgir. Em linhas gerais, foi essa classe média fortalecida que garantiu as mudanças introduzidas pela Reforma no noroeste da Europa.

e. Mudanças intelectuais - as transformações intelectuais provocadas pelo Renascimento, ao norte e ao sul dos Alpes, criaram um clima intelectual que favoreceu o desenvolvimento do protestantismo. O interesse pela volta às fontes do passado levou os humanistas cristãos do norte ao estudo da Bíblia nas línguas

guas originais. Desde modo, as diferenças entre a Igreja do Novo Testamento e a Igreja Católica Romana tornaram-se claras, para prejuízo da organização eclesiástica, medieval e papista.

f. Mudanças Religiosas - a uniformidade religiosa medieval deu lugar, no início do século XVI, à diversidade religiosa. A túnica inconsútil da Igreja Católica Romana internacional e universal, estava rasgada de novo, como acontecera em 1054, pelos cismas que resultaram na formação de igrejas protestantes nacionais. Estas igrejas, especialmente a anglicana e a luterana, estavam em geral sob o controle dos governos das nações-estados. Só depois de 1648 é que as denominações e a liberdade religiosa surgiram.

4. Causas da Reforma

A Reforma foi consequência de várias transformações sociais, econômicas e políticas que estavam acontecendo na Europa Ocidental, embora relativos a cada grupo social. É bom salientar também, que, além dessas causas abordadas acima, unem-se a elas fatores de nível intelectual, moral e teológico ou filosófico.

1. Fator Político - pode ser considerado como uma das causas indiretas importantes para a eclosão da Reforma. As novas nações-estados centralizados no noroeste da Europa se opunham à noção de uma igreja universal que reivindicava jurisdição sobre o Estado nacional e seu governo. O ideal universal colidia com a consciência nacional e emergente das classes desses novos estados.

Na Europa Ocidental, os reis fortaleciam seu poder sobre seu próprio povo e contra o papa e o imperador. As monarquias inglesa, francesa e espanhola se fortaleciam, organizando suas finanças e seus exércitos. O governo nacional e sua administração se opunham à hierarquia religiosa internacional da Igreja Romana. Depois do início da Reforma, alguns monarcas romperam completamente com o papa. No caso de Henrique VIII rei da Inglaterra, o rompimento com a Igreja aconteceu devido ao problema de se considerar o divórcio do rei como um assunto internacional para o papa decidir ou como um problema nacional que o clero resolveria.

2. Fator Econômico

Durante a Idade Média, a Europa tinha uma economia agrícola. "Em sua maioria, os habitantes eram camponeses que viviam em povoados e cultivavam o solo com ferramentas simples". (2). Mas, a medida que as cidades foram crescendo e se desenvolvendo o comércio, surgiram os grandes comerciantes e conseqüentemente a classe burguesa. A ten-

(2). REFORMA - Enciclopédia Mirador - p. 6823

tativa papal de tirar mais dinheiro da Alemanha no século XVI aborreceu a classe emergente em Estados como a Saxônia. O abuso do sistema das indulgências que empobrecia ainda mais a Alemanha enfureceu Lutero.

Os camponeses também estavam revoltados com a Igreja. "A Alemanha é um exemplo: os mosteiros e bispados donos de grandes propriedades territoriais; os bispos e abades, vivem às custas dos habitantes das cidades e dos camponeses. Essas duas classes não aceitavam a atitude materialista da Igreja e viam que só um movimento reformador poderia trazê-la de volta às preocupações de uma instituição religiosa". (3).

3. Fator Social

Mudanças na estrutura social aumentaram a decepção das pessoas com a Igreja Romana. O surgimento das cidades e de uma próspera classe média urbana criou um espírito novo de individualismo. A nova economia do dinheiro libertou os homens da dependência do solo como principal meio de vida. Os membros da classe média não eram tão dóceis como foram seus antecessores feudais, e mesmo os artesãos das cidades e os lavradores começaram a entender a injustiça de uma ordem social em que eram oprimidos por uma minoria. "A insatisfação social e a presença de uma mudança foram um fator social fundamental na irrupção da Reforma". (4).

4. Fator intelectual - na Reforma deve-se à postura crítica adotada por homens de mentes lúcidas e secularizadas diante da vida religiosa dos seus dias como proposta pela Igreja Católica Romana.

O humanismo da Renascença, especialmente na Itália, criou um espírito secular semelhante àquele que caracterizou a Grécia Clássica. O escritor italiano Petrarca foi o pioneiro deste renascimento dos estudos clássicos.

O interesse pelas civilizações antigas encorajadas pelo Renascimento teve efeito importante sobre a religião. O estudo do hebraico e do grego permitiu a leitura das Sagradas Escrituras nas línguas em que foram escritas originalmente. O estudo do cristianismo primitivo permitiu a visão da mudança da Igreja através dos séculos. "A tradução da Bíblia trouxe a tona uma nova discussão: a comparação dos ensinamentos e atos de Cristo e seus primeiros discípulos e a realidade na qual a Igreja vivia". (5). Começou-se, então, a enxergar horizontes intelectuais mais amplos.

Ligados intimamente ao fator intelectual da Reforma, está o fator moral. Os

(3). GURGEL, Hérika Basílio. et alli - O Protestantismo - mimeo - p. 17

(4). CAIRNS, Earle E. O Cristianismo Através dos Séculos - p. 227

(5). GURGEL, Hérika Basílio. et alli., O Protestantismo - mimeo, o. 17



A Venda de Indulgências levou Martinho Lutero a atacar a Igreja. Esta ilustração mostra representantes da Igreja vendendo indulgências. A autorização papal para a venda está na cruz.



Um artista pró-luterano, em 1617, mostra Lutero cem anos antes de escrever as suas Noventa e Cinco teses. A Careta de Lutero perpassa os ouvidos do Papa Leão X, simbolizado pelo leão, e derruba a coroa da cabeça de Carlos V. O ganso sendo queimado simboliza João Huss, queimado na estaca por causa das idéias reformadoras, quase cem anos antes da condenação de Lutero pelo Concílio de Constança. Lutero escreveu as Noventa e Cinco Teses em latim, mas para o benefício de seus compatriotas alemães, o pintor mostra-o escrevendo em alemão na porta da Igreja.



A Confissão de Augsburgo resumiu os ensinamentos religiosos de Martinho Lutero. Nesta ilustração, a confissão está sendo lida por Carlos V, imperador Romano, na Dieta de Augsburgo, em 1530